

**Masculinidade como homofobia
Medo, vergonha e silêncio na
construção de identidade de
gênero**

**Masculinity as Homophobia
Fear, Shame and Silence in the
Construction of Gender Identity**

Michael Scott Kimmel

Professor de Sociologia e de Estudos de Gênero na Stony
Brook University, New York
Diretor Executivo do Center for the Study of Men and
Masculinities
michael_kimmel@yahoo.com

Tradução: Sandra Mina Takakura

Doutoranda em Filologia e Língua Portuguesa - USP
sandramita@hotmail.com

Revisão técnica: Bianca Machado

Resumo: Nesse artigo, exploro a construção social e histórica tanto da masculinidade hegemônica quanto das masculinidades alternativas, tendo em vista a oferecer um novo modelo teórico da masculinidade americana. Para alcançá-lo, primeiramente aponto alguns dos sentidos de gênero ocultos nas afirmações clássicas da filosofia social e política, assim anoro a emergência da masculinidade contemporânea em contextos históricos e sociais específicos. Então, detalho os modos como essa versão de masculinidade emergiu nos Estados Unidos, traçando tanto as sequências desenvolvimentais psicanalíticas e uma trajetória histórica do desenvolvimento das relações de mercado.

Palavras-chave: Masculinidade; Medo; Vergonha; Silêncio; Identidade de gênero.

Abstract: In this article, I explore this social and historical construction of both hegemonic masculinity and alternate masculinities, with an eye toward offering a new theoretical model of American manhood. To accomplish this I first uncover some of the hidden gender meanings in classical statements of social and political philosophy, so that I can anchor the emergence of contemporary manhood in specific historical and social contexts. I then spell out the ways in which this version of masculinity emerged in the United States, by tracing both psychoanalytic developmental sequences and a historical trajectory in the development of marketplace relationships.

Key words: Masculinity; Fear; Shame; Silence; Gender Identity.

Masculinidade como homofobia Medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero

“Coisa engraçada”, [a esposa de Curley disse]. “Se eu pegasse qualquer homem, e ele só, me daria bem com ele. Mas deixe dois ou mais homens se juntarem e não vai ter bate papo. Apenas nada, mas loucos”. Ela deixou seus dedos caírem e colocou as mãos nos lábios. “Vocês todos estão com medo um do outro, é isso. Cada um de vocês tem medo que o resto vá tirar algo de vocês”.

John Steinbeck, *Sobre os Homens e os Ratos* (1937)

Pensamos a masculinidade² como sendo uma essência eterna e atemporal que reside profundamente nos corações de cada homem. Pensamos como algo, uma qualidade que alguém possui ou não. Pensamos a masculinidade como sendo inato, residindo na composição biológica particular do macho humano, o resultado de androgênios ou a posse de um pênis. Pensamos sobre a masculinidade como uma propriedade tangível e transcendente que cada homem deve manifestar no mundo, a recompensa apresentada com grande cerimônia a um noviço jovem pelos mais velhos por ter completado com sucesso um ritual de iniciação árdua. Nas palavras do poeta Robert Bly (1990, p.230), “a estrutura na base da psique masculina é ainda tão firme como era vinte mil anos atrás”.

Nesse artigo, vejo a masculinidade como uma coleção variável e constante de significados que construímos através de relacionamentos com nós mesmos, uns com os outros, e com o nosso mundo. A masculinidade não é nem estática, nem atemporal; é histórica. A masculinidade não é uma manifestação de uma essência interna; é construída socialmente. A masculinidade não surge na nossa consciência através de nossa constituição biológica; mas é criada pela cultura. A masculinidade possui sentidos distintos em tempos distintos às diferentes pessoas. Podemos saber o que significa ser um homem em nossa cultura estabelecendo definições em oposição aos grupos considerados como os *outros* – as minorias raciais, as minorias sexuais e, sobretudo, as mulheres.

Nossas definições de masculinidade estão em constante mudança, sendo materializados no terreno político e social em que as relações entre mulheres e homens acontecem. De fato, a busca por uma definição atemporal e transcendente de masculinidade é em si um fenômeno sociológico – tendemos a buscar o atemporal e o eterno em momentos de crise, esses pontos de transição quando velhas definições não funcionam mais e novas definições ainda estão para serem estabelecidas com firmeza.

Essa ideia que a masculinidade é socialmente construída e historicamente mutável não seria compreendida como uma perda, que algo está sendo tirado dos homens. De fato, dá-nos algo valioso de forma extraordinária – a agência, a capacidade de agir. Dá-nos uma impressão de possibilidades históricas que substituem a resignação desalentada que invariavelmente se apresenta como essencialismos atemporais, a-históricos. Nossos comportamentos não são simplesmente *apenas a natureza humana*, porque *meninos serão meninos*. Dos materiais que encontramos em nosso entorno e em nossa cultura – outras pessoas, ideias, objetos – criamos ativamente nossos mundos, nossas identidades. Os homens, tanto individualmente e coletivamente, podem mudar.

Nesse artigo, exploro essa construção social e histórica de tanto a masculinidade hegemônica e as masculinidades alternativas, tendo em vista a oferecer um novo modelo teórico da masculinidade americana³. Para alcançá-lo, primeiramente aponto alguns dos sentidos de gênero ocultos nas afirmações clássicas da filosofia social e política, assim anoro a emergência da masculinidade contemporânea em contextos históricos e sociais específicos. Então, detalho os modos como essa versão de masculinidade emergiu nos Estados Unidos, traçando tanto as sequências desenvolvimentais psicanalíticas e uma trajetória histórica do desenvolvimento das relações de mercado.

Teoria Social Clássica como uma Meditação Oculta de Masculinidade

Começamos esta indagação observando quatro passagens de um conjunto de textos chamados comumente de teoria política social clássica. Você, sem dúvida, os reconhecerá, porém, convido a lembrar do modo como estes foram discutidos na teoria em seus cursos de graduação e de pós-graduação:

A burguesia não pode existir sem revolucionar constantemente os instrumentos de produção, e através destes, as suas relações produtivas e com eles todas as relações da sociedade. A conservação dos velhos modos produtivos inalterados era, pelo contrário, a primeira condição de existência para todas as classes industriais iniciais. A revolução constante dos modos de produção, a inquietação contínua de todas as condições sociais, a incerteza duradoura e a agitação distinguem a época burguesa de todas as anteriores. Todas as relações cristalizadas e fixas, com suas sucessões de opiniões e preconceitos antigos e veneráveis são varridas, todos os recém-formados tornam-se antiquados antes que possam se

cristalizar. Tudo o que é sólido se derrete no ar, tudo que é sagrado é profanado, e o homem é finalmente forçado a enfrentar, com sentidos sóbrios, a sua condição real de vida e a sua relação com os membros de seu grupo (MARX; ENGELS, 1848/1964).

Um americano construirá uma casa para passar a sua velhice e o venderá antes do telhado ser colocado; vai plantar um jardim e simplesmente o alugará quando as árvores estiverem começando a produzir; irá limpar um terreno e o deixará para outros fazerem a colheita; irá escolher uma profissão e a deixar; estabelecer-se em um lugar e logo sair para outro lugar com seu desejo inconstante... À primeira vista há algo de espantoso no espetáculo de muitos homens sortudos e inquietos em meio à abundância. Porém, é um espetáculo tão antigo quanto o mundo; a novidade toda é ver um povo inteiro fazendo-o. (TOCQUEVILLE, 1835/1967).

Onde a resposta ao chamado pode não estar diretamente relacionada aos mais altos valores espirituais e culturais, ou quando, por outro lado, não se necessita ser sentido simplesmente como uma compulsão econômica, o indivíduo geralmente abandona a tentativa de justificá-la de uma vez por todas. No campo de seu desenvolvimento mais avançado nos Estados Unidos, a busca por bens, desprovidos de seus sentidos éticos e religiosos, tende a ser associada às paixões puramente mundanas, que frequentemente de fato dão o caráter de esporte. (WEBER, 1905/1996).

Somos alertados pelo ditado acerca de servirmos dois mestres ao mesmo tempo. O pobre ego possui coisas até mesmo piores: ele serve a três mestres rigorosos e faz o que pode para harmonizar suas reivindicações e suas demandas entre si. Essas reivindicações são sempre divergentes e frequentemente incompatíveis. Não é surpresa que o ego frequentemente falha nesta tarefa. Estes três mestres tirânicos são o mundo externo, o ego e o id... Ele se sente cercado nos três lados, ameaçados pelos três tipos de perigos, contra aos quais caso seja duramente pressionado, reage gerando ansiedade... Portanto, o ego, levado pelo id, confinado pelo superego, e repudiado pela realidade, luta para controlar a sua tarefa econômica de trazer a harmonia entre as forças e as influências que agem em e sobre ele, e podemos compreender o quão frequente não podemos suprimir o grito: “A vida não é fácil!” (“A Dissecação da Personalidade Física”, 1933/1966).

Se o seu treinamento em Ciências Sociais foi algo similar ao meu, foram oferecidos como descrições sobre a burguesia sob o capitalismo, sobre indivíduos em sociedades democráticas, sobre o destino da ética de trabalho Protestante sob o espírito sempre racional do capitalismo, ou sobre a árdua tarefa de um ego autônomo em desenvolvimento psicológico. Alguém já mencionou que em todos os quatro casos, os teóricos estavam descrevendo os homens? Não simplesmente *homem* em uma

humanidade genérica, mas um tipo particular de masculinidade, uma definição de masculinidade que deriva a sua identidade da participação no mercado, da interação com outros homens neste mercado – em resumo, um modelo de masculinidade para o qual a identidade é baseada na competição homosocial? Três anos antes de Tocqueville refletir sobre os americanos *inquietos em meio à abundância*, o Senador Henry Clay chamou os Estados Unidos de “uma nação de homens que vencem pelos próprios esforços”⁴.

O que significa “vencer por esforço próprio (fazer a si mesmo)”? Quais são as consequências de “fazer a si próprio” para o homem individual, para os outros homens, e para as mulheres? Esta é a noção de masculinidade – enraizada na esfera da produção, da arena pública, uma masculinidade baseada não na posse de terra e/ou na virtude artesanal republicana, mas na participação com êxito na concorrência de mercado – esta foi a noção definidora de masculinidade americana. A masculinidade deve ser provada, e tão logo seja provada, é novamente questionada e deve ser provada mais uma vez – constante, incansável, inalcançável, e finalmente a jornada por provas se torna tão sem sentido que ganha as características como a que Weber menciona a de um esporte. Aquele que possui mais brinquedos quando morre, vence.

De onde veio essa versão de masculinidade? Como funciona? Quais são as consequências dessa versão de masculinidade para as mulheres, para os outros homens, e para o próprio homem individualmente? Estas são as questões que endereço nesse artigo.

Masculinidade como História e a História da Masculinidade

A ideia de masculinidade expressada nos fragmentos anteriores é o produto de mudanças históricas, no solo sobre o qual o homem enraizou os próprios sentidos acerca de si mesmos enquanto homens. Argumentar que as definições culturais de identidade de gênero são historicamente específicas é somente chegar ao ponto onde estamos agora; temos que especificar exatamente o que esses modelos eram. Em minha indagação histórica sobre o desenvolvimento desses modelos de masculinidade⁵, traço o destino de dois modelos de masculinidade na virada do século XIX e a emergência de um terceiro modelo nas primeiras décadas daquele século.

No final dos séculos XVIII e início do XIX, dois modelos de masculinidade

prevalciam. O Patriarca Gentil (*Genteel Patriarch*) derivou sua identidade do proprietário rural. Supervisionando sua propriedade, ele era refinado, elegante e dado a uma sensualidade ocasional. Era um pai devoto e dedicado, que gastava muito de seu tempo supervisionando sua propriedade e com a sua família. Imagine *George Washington* ou *Thomas Jefferson* como exemplos. Em contraste, o Artesão Heroico (*Heroic Artisan*) incorporava a força física e a virtude republicana que Jefferson observou no fazendeiro da pequena propriedade rural, no artesão urbano independente, ou no comerciante. Também um pai devoto, ensinava sua arte para o filho, fazendo-o com que chegasse através de aprendizados rituais ao status de artesão mestre. Economicamente autônomo, estimava também sua comunidade democrática, deleitando-se na democracia participatória das reuniões na vila. Pense em Paul Revere em sua loja de estanho, mangas da camisa enroladas, um avental de couro – um homem que se orgulhava de seu trabalho.

Os Artesãos Heroicos e os Patriarcas Gents viveram em acordo informal, em parte porque seus ideais de gêneros eram complementares (ambos sustentavam a democracia participativa e autonomia individual, embora os patriarcas tendessem a apoiar uma máquina estatal mais poderosa e também apoiavam a escravidão) e porque eles raramente se viam: os Artesãos eram decididamente urbanos e os Patriarcas reinavam em suas propriedades rurais. Em torno da década de 1930, no entanto, essa simbiose provisória foi quebrada pela emergência de uma nova visão de masculinidade, A Masculinidade de Mercado (*Marketplace Manhood*).

O Homem de Mercado (*Marketplace Man*) originou sua identidade inteiramente do seu sucesso no mercado capitalista, uma vez que acumulou riqueza, poder e status. Era o empreendedor urbano, o homem de negócios (*businessman*). Incansável, agitado e ansioso, o Homem de Mercado era um senhorio absentista em casa, e um pai ausente com seus filhos, dedicando-se ao trabalho em um ambiente cada vez mais homosocial – um mundo apenas de homens em que ele se opunha a outros homens. Seus empenhos em obter sucesso por meio de seu próprio esforço (*self-making*) transformam as esferas econômicas e políticas, deixando de lado o Patriarca Gentil como um dândi feminizado anacrônico – doce, mas ineficiente e antiquado, e transformando o Artesão Heroico em um proletariado despossuído, um escravo do salário.

Como Tocqueville teria visto, a coexistência do Patriarca Gentil e do Artesão

Heroico incorporava a fusão da liberdade e da igualdade. O Patriarca Gentil era a masculinidade da aristocracia tradicional, a classe que incorporava a virtude da liberdade. O Artesão Heroico incorporava a comunidade democrática, a solidariedade do comerciante, ou do artesão. A liberdade e a democracia, o patriarca e o artesão, podiam, e de fato coexistiam. Porém, o Homem de Mercado é um homem capitalista e ele torna tanto a liberdade e a igualdade problemáticas, eliminando a liberdade da aristocracia e proletarizando a igualdade dos artesãos. Por um lado, a história americana tem sido um esforço em restaurar, recuperar e reconstituir as virtudes do Patriarcado Gentil e do modo de vida do Artesão Heroico, uma vez que elas foram transformadas pelo mercado capitalista.

A masculinidade do Homem do Mercado era uma masculinidade que exigia provas, e que necessitava de aquisição de bens tangíveis como evidência de sucesso. Reconstituía a si pela exclusão dos *outros* – as mulheres, os homens não brancos, os homens nascidos não nativos, e os homossexuais – e pela fuga terrível para o Éden homosocial mítico e imaculado onde os homens podiam, finalmente, serem homens reais entre outros homens. A história dos meios em que o Homem de Mercado torna-se o homem comum Americano é um relato trágico, uma estória de luta para corresponder às expectativas de ideais impossíveis de sucesso orientando a terrores crônicos de emasculação, de vazio emocional, e de raiva generificada que deixam uma ampla fileira de destruição em seu caminho.

Masculinidades como Relações de Poder

A Masculinidade de Mercado descreve a definição normativa de masculinidade americana. Descreve suas características – agressão, competição, ansiedade – e a arena em que essas características são dispostas – a esfera pública, o mercado. Se o mercado é uma arena em que a masculinidade é testada e provada, é uma arena generificada, em que tensões entre os homens e as mulheres e as tensões entre diferentes grupos de homens são ponderados através de significados. Essas tensões sugerem que as definições culturais de gênero são exauridas em um terreno disputado e são em si relações de poder.

Todas as masculinidades não são criadas iguais, ou melhor, somos todos *criados* iguais, porém, qualquer igualdade hipotética evapora rapidamente porque nossas definições de masculinidade não são igualmente valorizadas em nossa sociedade. Uma

definição de masculinidade continua a permanecer o padrão contra a qual, outras formas de masculinidade são medidas e avaliadas. Dentro da cultura dominante, a masculinidade que se define como homens brancos, de classe média, no começo da meia-idade, heterossexuais é a masculinidade que estabelece os padrões para outros homens, contra os quais outros homens são medidos e, frequentemente, são considerados insuficientes. O sociólogo Erving Goffman (1963, p.128) escreveu que na América, há apenas “um macho completo e desavergonhado”:

Um pastor Protestante, jovem, branco, urbano, casado, heterossexual setentrional, com ensino superior, empregado, de boa tez, peso e altura, e uma recente marca em esportes. Todo homem americano tende a olhar o mundo dessa perspectiva... Qualquer homem que falha a se qualificar em qualquer um destes modos provavelmente verá a si mesmo... como indigno, incompleto e inferior.

Esta é uma definição que chamaremos de masculinidade *hegemônica*, a imagem de masculinidade daqueles homens que detém o poder, que se tornou o padrão em avaliações psicológicas, em pesquisa sociológica, e em literatura de autoajuda e aconselhamento para ensinar os homens jovens a se tornarem “homens reais” (CONNELL, 1987). A definição hegemônica de masculinidade é um homem *no poder* (*in power*), um homem *com poder* (*with power*), e um homem *de poder* (*of power*). Igualamos a masculinidade com o ser forte, vencedor, capaz, confiável, e em controle. As mesmas definições de masculinidade que desenvolvemos em nossa cultura mantêm o poder que alguns homens possuem sobre outros homens e que os homens possuem sobre as mulheres.

Nossa definição cultural de masculinidade constitui, portanto, várias estórias em uma. É sobre a jornada individual do homem para acumular aqueles símbolos culturais que denotam masculinidade, signos que são de fato adquiridos. É sobre padrões sendo usados contra as mulheres para impedir suas inclusões na vida pública e seus despachos para a desvalorizada esfera privada. É sobre o acesso diferencial que diferentes tipos de homens possuem àqueles recursos culturais que conferem a masculinidade e sobre como cada um desses grupos então desenvolve suas próprias modificações para preservar e reivindicar a sua masculinidade. É sobre o poder dessas definições em si que servem para manter o poder na vida real que homens possuem sobre as mulheres e que alguns homens possuem sobre outros homens.

Esta definição de masculinidade tem sido resumida habilmente pelo psicólogo Robert Brannon (1976) em quatro frases sucintas:

1. “Nada de afeminados” (“*No sissy Stuff*”) Alguém nunca poderá fazer algo que até mesmo remotamente sugira a feminilidade. A masculinidade é um repúdio incansável do feminino.
2. “Seja uma grande Roda!” (“*Be a Big Wheel*”) A masculinidade é medida pelo poder, sucesso, riqueza e *status*. Como o presente ditado menciona: “Aquele que tiver mais brinquedos quando morrer, vence”.
3. “Seja um carvalho firme” (“*Be a Sturdy Oak*”) A masculinidade depende do fato de se permanecer calmo e confiável em momentos de crise, manter as emoções sob controle. De fato, provar que você é um homem depende de em nenhum momento mostrar suas emoções. Meninos não choram.
4. “Dê-lhes o inferno!” (“*Give 'm Hell*”) Transpire uma aura de ousadia viril e agressiva. Corra atrás. Arrisque-se.

Estas regras contêm os elementos de definição através do qual virtualmente todos os homens americanos são medidos. A falha em incorporar essas regras, em afirmar o poder das regras e as conquistas de alguém desses ideais é uma fonte de confusão e dor dos homens. Tal modelo é, com certeza, não realizável para qualquer homem, mas continuamos a tentar, destemidamente e em vão, para estar à altura. A masculinidade americana é um teste incessante.⁶ O teste principal está contido na primeira regra. Quaisquer que sejam as variações de raça, classe, idade, etnia ou orientação sexual, ser um homem significa *não ser como as mulheres*. Essa noção de antifeminilidade encontra-se no coração de conceitos históricos e contemporâneos de masculinidade, portanto masculinidade é definida mais pelo que indivíduo não é do que pelo o que ele de fato é.

Masculinidade como uma fuga do Feminino

Em termos históricos e desenvolvimentais, a masculinidade foi definida como uma fuga da mulher, e o repúdio da feminilidade. Desde Freud, temos compreendido que em termos desenvolvimentais a tarefa central que todo menino deve confrontar é desenvolver uma identidade segura de si como um homem. Como Freud o teve, o projeto edipiano é um processo da renúncia do menino de sua identificação e a fixação

emocional profunda com a sua mãe e então a substituir por um pai como o objeto de identificação. Observe que ele se reidentifica, mas nunca se fixa novamente. Todo esse processo, Freud argumentou, é estabelecido em movimento pelo desejo sexual do menino pela sua mãe. No entanto, o pai fica no caminho do filho e não cederá sua propriedade sexual ao seu filho fraco. A primeira experiência emocional, então, aquela que inevitavelmente acompanha sua experiência de desejo, é o medo – o medo do pai maior, mais forte, e mais poderoso sexualmente. É o medo, experienciado simbolicamente como o medo da castração, Freud afirma, que força o menino a renunciar a sua identificação com a mãe e buscar se identificar com o ser que é de fato a fonte de seu medo, o seu pai. Dessa forma, o menino é agora simbolicamente capaz de realizar a união sexual com uma substituta que pareça com a sua mãe, que é uma mulher. O menino se torna generificado (masculino) e heterossexual ao mesmo tempo.

A masculinidade, nesse modelo, é irrevogavelmente vinculada à sexualidade. A identidade sexual do menino agora irá lembrar a sexualidade do pai (ou pelo menos os meios que ele imagina seu pai) – ameaçador, predatório, possessivo, e possivelmente punitivo. O menino vem a se identificar com seu opressor agora, ele pode se tornar o opressor ele próprio. No entanto, o terror permanece, o terror que o jovem seja desmascarado como uma fraude, como um homem que não se separou completamente e irrevogavelmente de sua mãe. Será outro homem que fará o desmascaramento. A falha irá dessexualizar o homem, fazê-lo parecer um homem não completo. Ele será visto como um fraco, um filhinho de mamãe, uma mariquinha (*sissy*).

Depois de se retirar de sua mãe, o menino chegará a vê-la não como uma fonte de nutrição e amor, mas uma criatura infantilizante e insaciável, capaz de humilhá-lo em frente de seus colegas. Ela o faz vestir roupas desconfortáveis que causam coceiras, seus beijos mancham suas bochechas com batom, tingindo a sua inocência pueril com a marca da dependência feminina. Não causa espanto que tantos meninos se afastam dos abraços de suas mães com queixas de “Ah, mãe! Me larga!” As mães representam a humilhação de infância, o desamparo, e a dependência. “Os homens agem como se fossem guiados por (ou se revoltam contra) as regras e as proibições enunciadas por uma mãe moral”, escreve o psico-historiador Geoffrey Gorer (1964). Como resultado, “todos os refinamentos do comportamento masculino – a modéstia, a polidez, o asseio e a limpeza passam a serem vistos como concessões às demandas femininas, e não boas em si como parte de um comportamento de um homem respeitável”. (pp. 56-7).

A fuga da feminilidade é raivosa e assustadora, porque a mãe pode tão facilmente castrar o jovem por meio de seu poder e torná-lo dependente, ou pelo menos lembrá-lo de sua dependência. É incansável; a masculinidade torna-se uma jornada ao longo da vida pra demonstrar suas conquistas, como se tivesse que provar o improvável aos outros, porque nos sentimos tão incertos sobre isso nós próprios. As mulheres frequentemente não se sentem obrigadas a *provarem a sua feminilidade (womanhood)* – a expressão em si soa ridícula. As mulheres possuem diferentes tipos de crises de identidades de gênero; suas raivas e frustrações, e seus próprios sintomas de depressão, vêm mais pelo fato de serem excluídas do que por questionarem se elas são femininas (*feminine*) o suficiente.⁷

A pulsão em repudiar a mãe como a indicação de aquisição de identidade de gênero masculino tem três consequências para o menino. Primeiro, ele afasta a verdadeira mãe, e com ela, os traços característicos de nutrição (*nurturance*), compaixão e carinho que ela podia incorporar. Segundo, ele suprime aqueles traços nele próprio, porque eles revelarão sua incompleta separação de sua mãe. Sua vida se torna um projeto em demonstrar que ele não possui nenhum dos traços de sua mãe, por toda a sua vida. A identidade masculina nasce na renúncia do feminino, não na afirmação direta do masculino, que deixa a identidade de gênero masculina tênue e frágil.

Terceiro, como se fosse demonstrar a conquista dessas duas primeiras, o menino também aprende a desvalorizar todas as mulheres na sua sociedade, como sendo as personificações vivas daqueles traços nele que por sua vez ele aprendeu a desprezar. Consciente ou não deste fato, Freud também descreveu as origens do sexismo - a desvalorização sistemática da mulher - nos esforços desesperados do menino em se separar de sua mãe. Podemos querer “uma menina como a garota que se casou com o querido e velho papai”, como a música popular afirma, porém, certamente não queremos *ser como* ela.

Essa crônica incerta sobre identidade de gênero nos ajuda a entender vários comportamentos obsessivos. Tenha como exemplo, o problema contínuo do *bullying* nos pátios das escolas. Os pais nos lembram de que o menino que comete o *bullying* é o *menos* seguro de sua masculinidade, e, portanto, ele está constantemente tentando prová-lo. Mas ele “prova” escolhendo os oponentes sobre os quais está absolutamente seguro em

ser capaz de derrotar; portanto, o insulto padrão para um agressor é “pegue alguém do seu tamanho”. Ele não consegue; no entanto, depois de derrotar um oponente menor e mais fraco, com quem tinha certeza que provaria sua masculinidade, é deixado com um sentimento corrosivo e vazio de que não a provou no final das contas, e deve encontrar outro oponente, novamente menor e mais fraco, para que possa mais uma vez derrotar para provar para si próprio.⁸

Uma das mais gráficas ilustrações dessa jornada de uma vida para provar a masculinidade ocorreu na apresentação da Premiação da Academia em 1992. Quando o ator machão e envelhecido Jack Palance aceitou a premiação de melhor ator coadjuvante na comédia faroeste *Amigos, Sempre Amigos*, ele comentou que especialmente os produtores de filmes pensam, só pelo fato de que ele tivesse 71 anos, que ele estava todo acabado, e não era mais competente para atuar. “Podemos nos arriscar com esse cara?” Ele mencionou, antes que caísse no chão para uma sessão de flexões com apenas um braço. Foi patético assistir a um ator realizado ainda tendo que provar ser viril o suficiente para atuar e, como ele também mencionou no palco, fazer sexo.

Quando isto termina? Nunca. Admitir a fraqueza, admitir a debilidade ou a fragilidade, é ser visto como um covarde (*wimp*), um afeminado (*sisy*), não um homem de verdade. Mas ser vistos por quem?

Masculinidade como Aprovação Homossocial

Outros homens: nós estamos sob o exame minucioso e cuidadoso constante de outros homens. Outros homens nos assistem, nos classificam, outorgam nossa aceitação no domínio da masculinidade. A masculinidade é demonstrada para a aprovação dos outros homens. São os outros homens que avaliam o desempenho. O crítico literário David Leverenz (1991, p. 769) argumenta que “as ideologias de masculinidade funcionaram primariamente em relação ao olhar (*gaze*) de colegas masculinos, ou de autoridades masculinas”. Pense em como os homens se vangloriam uns aos outros sobre as suas conquistas – de sua última conquista sexual ao tamanho do peixe que pescaram – e como alegremente exibem suas marcas de masculinidade – a riqueza, o poder, o status, as mulheres sensuais - em frente de outros homens, desesperados pela sua aprovação.

Que os homens provem a sua masculinidade aos olhos de outros homens é tanto uma consequência do sexismo e um de seus pilares principais. “As mulheres possuem, segundo a mente do homem, um lugar tão baixo na escada social de seu país que é inútil definir a si mesmo como mulher”, observou o dramaturgo David Mamet. “O que os homens precisam é da aprovação dos homens”. As mulheres tornam-se um tipo de moeda que os homens usam para aumentar o seu nível na categoria social masculina. (Até mesmo aqueles momentos de conquista heroica das mulheres carregam, acredito que seja uma corrente de avaliação homosocial). A masculinidade é uma aprovação homosocial. Testamos a nós próprios, realizando feitos heroicos, nós nos arriscamos a tudo porque queremos que outros homens nos outorguem a nossa masculinidade.

A masculinidade como reconhecimento homosocial é repleta de perigo, com o risco de falha, e com intensa e incessante competição. “Todos os homens que você encontra têm uma avaliação ou uma estimativa de si que nunca perde ou esquece, ” escreveu Kenneth Wayne (1912) em seu livro de aconselhamento popular na virada do século “Um homem possui sua própria classificação, e instantaneamente assenta ao lado de outro homem” (p. 18). Quase um século depois, um homem comentou ao psicólogo Sam Osherson (1992) que “[p]elo tempo que você é um adulto, é fácil pensar que os homens sempre estão em competição com outros homens pela atenção das mulheres, nos esportes e no trabalho” (p. 291).

Masculinidade como Homofobia

Se a masculinidade é uma aprovação homosocial, seu sentimento dominante é medo. No modelo de Freud, o medo do poder do pai aterroriza o menino para que este renuncie seu desejo pela sua mãe e identifique-se com o seu pai. Esse modelo liga a identidade de gênero com a orientação sexual: A identificação do menino com o pai (tornando-se masculino) permite que este agora se envolva em relações sexuais com as mulheres (ele se torna heterossexual). Essa é a origem de como podemos *ler* uma orientação sexual de alguém através da performance da identidade de gênero de sucesso. Segundo, o medo de que o menino sente não o leva a apressar-se aos braços de sua mãe para que esta a proteja de seu pai. Melhor, acredita que ele irá superar o medo de se identificar com a sua origem. Nós nos tornamos masculinos nos identificando com o nosso opressor.

No entanto, há uma peça faltante no quebra-cabeça, uma peça que Freud, ele próprio, sugeriu, mas não o conduziu⁹. Se o menino pré-edípiano se identifica com sua mãe, ele vê o mundo através dos olhos dela. Portanto, quando se confronta com o pai durante a grande crise edípica, experimenta uma visão dividida (*split vision*): ele vê seu pai como sua mãe o vê, com uma combinação de respeito, maravilha, terror e desejo. E, simultaneamente vê o pai como ele, enquanto menino poderia vê-lo – como um objeto não de desejo, mas de concorrência. Repudiando a mãe e se identificando com o pai apenas responde parcialmente seu dilema. O que ele faria com aquele desejo homoerótico, o desejo sentido quando viu o pai do modo como sua mãe o via?

Ele deve suprimi-lo. O desejo homoerótico, o desejo por outros homens é visto como se fosse um desejo feminino. A homofobia é o esforço de suprimir aquele desejo, de purificar todas as relações com outros homens, com as mulheres, com crianças dessa mancha, e assegurar que ninguém possivelmente poderá confundir alguém com um homossexual. A fuga homofóbica da intimidade com outros homens é o repúdio do homossexual dentro de si – nunca completamente com sucesso e conseqüentemente e constantemente representado em todos os relacionamentos homosociais. “As vidas da maioria dos homens americanos possuem vínculos, e seus interesses diariamente restringidos pelas necessidades constantes de provar a seus companheiros, e a eles próprios, que não são afeminados, e não são homossexuais”, escrever o psicanalista histórico Geoffrey Gorer (1964). “Qualquer interesse ou busca que é identificada como um interesse feminino ou uma busca feminina se tornam profundamente suspeitos aos homens” (p. 129).

Até mesmo se não nos apoiarmos nas ideias psicanalíticas Freudianas, ainda poderíamos notar como, em termos menos sexualizados, o pai é o primeiro homem que avalia a performance masculina do menino, o primeiro par de olhos masculinos perante os quais ele tenta se provar. Aqueles olhos o seguirão pelo resto de sua vida. Os olhos de outros homens irão se juntar a eles – os olhos de exemplos a serem seguidos como professores, técnicos, chefes, ou heróis da mídia; os olhos de seus pares, seus amigos, seus colegas de trabalho; e os olhos de milhões de outros homens, vivos e mortos, cujo escrutínio constante ele nunca estará livre. “A tradição de todas as gerações mortas pesa como um pesadelo no cérebro do vivente”, foi como Karl Marx o postulou um século atrás (1848/1964, p. 11). “O direito de nascer de cada homem americano é um sentido crônico de inadequação pessoal”, é como dois psicólogos o descrevem hoje

(WOOLFOLK & RICHARDSON, 1978, p. 57).

Aquele pesadelo que parecemos nunca despertar é que aqueles outros homens verão o senso de inadequação, verão em nossos próprios olhos que não somos o que fingimos ser. O que chamamos de masculinidade é frequentemente uma barreira contra sermos revelados como fraude, um conjunto exagerado de atividades que impedem que outros enxerguem através de nós, e um esforço frenético de manter no cerco aqueles medos dentro de nós mesmos. Nosso medo real “não é medo das mulheres, mas de sermos envergonhados ou humilhados em frente de outros homens, ou sermos dominados por um homem mais forte” (LEVERENZ, 1986, p. 451).

Isso, então, é o grande segredo da masculinidade americana: *Temos medo de outros homens*. A homofobia é um princípio organizador central de nossas definições culturais de masculinidade. A homofobia é mais do que um medo irracional de homens gays, mais do que o medo de que possamos ser percebidos como gay. “A palavra bicha (*faggot*) não tem nada a ver com a experiência homossexual ou até mesmo com medos de homossexuais”, escreve David Leverenz (1986). “Isso vem da profundidade da masculinidade: um rótulo derradeiro de desprezo por alguém que parece afeminado (*sissy*), não-durão (*untough*), não-legal (*uncool*)” (p. 455). A homofobia é um medo que outros homens nos desmascarem nos emasculem, e revelem a nós próprios e ao mundo que não conseguimos estar à altura, que não somos homens de verdade. Temos medo de deixar os outros homens enxergarem esse medo. O medo nos envergonha porque o reconhecimento do medo em nós é uma prova para nós mesmos que não somos tão viris como fingimos ser, que somos, como o jovem no poema de Yeats, “aquele que perturba ruidosamente em uma pose máscula pelo seu coração inteiramente tímido”. Nosso medo é o medo de humilhação. Sentimos vergonha de ter medo.

A vergonha leva ao silêncio – os silêncios que fazem com que as outras pessoas continuem a acreditar que na realidade aceitamos o que são feitos contra as mulheres, às minorias, aos gays e às lésbicas em nossa cultura. O silêncio amedrontado quando passamos apressados por uma mulher que é aborrecida por um homem na rua. Aquele silêncio furtivo quando os homens contam piadas sexistas, ou racistas em um bar. Aquele sorriso de mãos suadas quando homens em seu escritório contam piadas de espancar gays. Nossos medos são as razões de nossos silêncios, e o silêncio dos homens é o que mantém o sistema funcionando. Isso pode ajudar a explicar porque as mulheres

frequentemente reclamam que seus amigos ou parceiros são comumente tão compreensivos quando estão sozinhos e, no entanto, riem de piadas sexistas ou até mesmo as contam quando estão fora em um grupo.

O medo de ser visto como afeminado (*sissy*) domina a definição cultural de masculinidade. Isto começa muito cedo. “Os meninos entre si se sentem envergonhados por serem não-viris”. Escreveu um educador em 1871 (ROTUNDO, 1993, p. 264). Tenho uma aposta de pé com um amigo de que posso andar em qualquer parque na América onde meninos de seis anos de idade brincam alegremente, e fazendo uma pergunta, posso provocar uma briga. A pergunta é simples: “Quem é um afeminado por aqui?” Uma vez posto, o desafio é feito. Uma de duas coisas pode acontecer. Um menino acusará o outro de ser afeminado, para o qual um garoto irá responder que não o é, e que na realidade o primeiro menino o é. Eles podem brigar para ver quem está mentindo. Ou um grupo de meninos irá cercar um menino e gritar juntos “É ele! É ele!” Aquele menino irá ou chorar ou correr para casa chorando, em desgraça terá que bater em vários meninos de uma vez, para provar que não é afeminado. (E, o que o pai e os irmãos mais velhos irão dizer, caso ele escolha correr para casa chorando?) Um tempo será necessário antes que ele possa reaver qualquer senso de respeito a si próprio.

A violência é frequentemente a única marca mais evidente de masculinidade. Ou melhor, é a inclinação para brigar, o desejo de brigar. A origem de nossa expressão que alguém tem uma lasca no ombro baseia-se na prática de um adolescente no interior ou numa vila na virada do século, que andaria literalmente com uma lasca de madeira no ombro - um sinal de prontidão para lutar com qualquer um que tivesse a iniciativa de derrubá-la. (Cf. GORER, 1964, p. 38; MEAD, 1965).

Como os adolescentes, aprendemos que nossos iguais são um tipo de polícia de gênero, constantemente ameaçando nos desmascarar como femininos ou afeminados. Um de nossos truques favoritos quando era adolescente era pedir a um menino para olhar as unhas das mãos. Se ele colocasse as palmas na direção de sua face e dobrasse os dedos para vê-los, passaria no teste. Ele olharia as unhas *como um homem*. Mas se colocasse as costas das mãos a uma distância de sua face, e as olhasse com os braços esticados, era imediatamente ridicularizado como afeminado.

Como os homens jovens, estamos constantemente vagando nesses limites de

gênero, checando os muros que construímos no perímetro, assegurando que nada mesmo que seja remotamente feminino possa transparecer. As possibilidades de sermos desmascarados estão em todos os lugares. Até mesmo uma coisa aparentemente mais insignificante pode chegar a ameaçar ou ativar aquele terror assombroso. No dia em que os estudantes de meu curso “Sociologia de Homens e Masculinidades” estavam programados para discutirmos homofobia e as amizades entre homens, um estudante apresentou uma cena tocante. Observando que era um dia bonito, o primeiro dia de primavera depois de um inverno brutal no nordeste americano, ele decidiu vestir shorts na aula. “Eu tinha esses belos shorts novos quadriculados”, comentou. “Mas então eu pensei comigo mesmo, esses shorts têm rosa e lavanda neles. O tópico da aula de hoje é homofobia. Talvez hoje não seja o melhor dia para vesti-los”.

Nossos esforços em manter uma frente viril cobrem tudo o que fazemos. O que nós vestimos. Como nós conversamos. Como nós andamos. O que nós comemos. Todo o maneirismo, todo movimento contém uma linguagem de gênero codificada. Pense, por exemplo, em como você responderia à pergunta: como você *sabe* se um homem é homossexual? Quando eu fiz essa pergunta em uma aula ou em workshops, os respondentes invariavelmente proveram uma lista de padrões de comportamentos afeminados estereotipados. Ele anda de certo modo, fala de um jeito peculiar, age de certa maneira. É emocional; mostra seus sentimentos. Uma mulher comentou que *sabia* se um homem era gay se ele se importasse com ela, outra disse que sabia se um homem era gay, caso este não mostrasse interesse nela, se ele a deixasse em paz.

Agora alterando a pergunta e imaginando o que um homem heterossexual faz para assegurar que ninguém possivelmente tenha uma “ideia errada” sobre ele. As respostas tipicamente se referiam aos estereótipos originais, desta vez um conjunto de regras negativas acerca de comportamento. Nunca se vista deste modo. Nunca converse ou ande desse modo. Nunca mostre seus sentimentos, ou, seja emocional. Sempre esteja preparado para demonstrar interesse sexual em mulheres que você encontra, portanto é impossível para que qualquer mulher tenha uma ideia errada sobre você. Nesse sentido, homofobia, o medo de ser percebido como gay, como não sendo um homem de verdade, mantém homens exagerando todas as regras tradicionais de masculinidade, incluindo sexo predatório com as mulheres. A homofobia e o sexismo andam de mãos dadas.

As estacas da percepção do mundo afeminado são enormes – algumas vezes assuntos de vida e de morte. Assumimos riscos enormes para provar a nossa masculinidade, expondo-nos de forma desproporcional a riscos de saúde, risco em ambientes de trabalho, e a doenças relacionadas ao estresse. Os homens cometem três vezes mais suicídio do que as mulheres. O psiquiatra William Gaylin (1992, p. 32) explica que é “invariavelmente por causa da percepção da humilhação social”, mais frequentemente ligada à falência nos negócios:

Os homens se tornam deprimidos por causa da perda de status e de poder no mundo de homens. Não é a perda de dinheiro, ou as vantagens materiais que o dinheiro poderia comprar que produz o desespero que conduz à autodestruição. É a “vergonha”, a “humilhação”, o senso de “falência” pessoal... Um homem se desespera quando cessa de ser um homem entre os homens.

Em uma pesquisa, as mulheres foram indagadas do que elas tinham mais medo. Elas responderam que sentiam medo de serem violentadas e assassinadas. Os homens, por sua vez, responderam que tinham mais medo de serem ridicularizados, ou seja, que as pessoas rissem deles (NOBLE, 1992, p. 105-106).

Homofobia como uma Causa do Sexismo, do Heterossexismo e do Racismo

A homofobia está intimamente entrelaçada tanto com o sexismo quanto com o racismo. O medo – algumas vezes consciente, outras, não – de que os outros possam nos perceber como homossexuais motiva a nós homens a assumirmos todas as formas de comportamentos masculinos exagerados e as atitudes que assegurem que ninguém tenha possivelmente uma ideia errada a nosso respeito. Um dos pilares da masculinidade exagerada é a humilhação das mulheres, tanto pela exclusão da esfera pública e pelas críticas quotidianas presente nas falas e nos comportamentos que organizam a vida diária do homem americano. As mulheres e os homens gays tornam-se os *outros* contra quem os homens heterossexuais projetam as suas identidades, contra quem blefam (armam jogadas) para competirem em uma situação na qual irão sempre vencer, suprimindo-os, portanto, os homens fazem valer uma reivindicação de sua masculinidade. As mulheres ameaçam a emasculação representando as responsabilidades familiares, no trabalho e no lar, a negação da diversão. Os homens gays têm assumido um papel histórico de afeminados consumados na mente americana popular porque a homossexualidade é vista como uma inversão do desenvolvimento

normal de gênero. Houve *outros* de grupos distintos. Através da história americana, vários grupos têm representado os afeminados, os não homens contra quem os homens americanos se opuseram exaustivamente para formar a sua masculinidade, muitas vezes com resultados malévolos. De fato, estes grupos em constantes mudanças fornecem uma lição interessante para o desenvolvimento histórico americano.

Na virada do século XIX, eram europeus e crianças que forneciam o contraste ao homem americano. “O verdadeiro homem americano era vigoroso, viril e direto, e não estéreis e corruptos como os supostos europeus”, escreve Ruppert Wilkinson (1986). “Ele era mais simples que ornado, mais robusto que aquele que busca a luxúria, mais comum e amante da liberdade, ou um cavalheiro natural do que um aristocrata opressor, ou subordinado servil” (p.96). O homem *real* do início do século XIX não era nem nobre e nem servo. Na metade do século, os escravos negros substituíram os nobres fracos. Os escravos eram vistos como homens dependentes, desamparados, incapazes de defender suas mulheres e crianças, e, portanto, menos viris. Os nativos americanos foram postos como bobos e crianças ingênuas, portanto, poderiam ser infantilizados como as “Crianças Vermelhas do Grande Pai Branco” e conseqüentemente excluídos da completa masculinidade.

Em torno do final do século, novos imigrantes europeus foram também adicionados à lista de homens irrealis, especialmente o irlandês e o italiano, que eram vistos como demasiadamente passionais e voláteis emocionalmente para permanecer como Carvalhos firmes em controle, e os Judeus, eram vistos como os livrescos fracos e fisicamente insignificantes para chegarem à altura. Na metade do século XX, também os asiáticos - primeiro os japoneses durante a Segunda Guerra Mundial, e mais recentemente, os vietnamitas durante a Guerra do Vietnã – serviram como modelo não viris contra os quais os homens americanos lançaram sua raiva generificada. Os homens asiáticos eram vistos como pequenos, delicados e afeminados – dificilmente sendo considerados como homens.

Tal lista de americanos *bifenados* – americano-italianos, americano-judeus, americano-irlandeses, americano-africanos, americano-nativos, americano-asiáticos, americano-gays – compõem a maioria dos homens americanos. Portanto, a masculinidade é apenas possível para uma minoria distinta, e a definição tem sido construída para impedir que os outros a alcancem. Interessantemente, essa emasculação

do inimigo de alguém tem um lado oposto - e um que é igualmente generificado. Esses mesmos grupos de forma genuína que têm sido historicamente deixados de lado como sendo menos viris foram também, muitas vezes, colocados lado a lado como hipermasculinos, como agressivos sexuais, bestas vorazes violentas, contra quem os homens civilizados deveriam tomar uma posição decisiva e através disto resgatar a civilização. Portanto, os homens negros eram retratados como as bestas sexuais violentas, as mulheres como carnis carnívoras, os homens gays como insaciáveis sexuais, os europeus do Sul como predadores sexuais e vorazes, e os homens asiáticos como torturadores perniciosos e cruéis que desinteressados na vida em si, estavam inclinados a sacrificar o povo inteiro por seus caprichos. Porém, se alguém via esses grupos quer como afeminados quer como selvagens brutais, ao final os termos através dos quais eram referidos eram generificados. Esses grupos se tornaram os *outros*, o pano de fundo contra os quais os conceitos tradicionais de masculinidade foram desenvolvidos.

Ser visto como um não viril é um medo que motiva os homens americanos a negarem a masculinidade entre si, como um modo de provar o improvável – que alguém é totalmente viril. A masculinidade se torna uma defesa contra a ameaça de humilhação percebida aos olhos de outros homens, aprovado através de uma “sequência de posturas” – que podemos dizer, ou fazer, ou até mesmo pensar, que, se nós pensássemos cuidadosamente acerca disso, sentiríamos vergonha de nós mesmos (SAVRAN, 1992, p. 16). Afinal, quantos de nós fizemos observações homofóbicas e sexistas, ou contamos piadas racistas, ou fizemos comentários lascivos para mulheres nas ruas? Quantos de nós traduzimos essas ideais e palavras em ações, atacando fisicamente os homens gays, ou forçando ou persuadindo uma mulher a ter relações sexuais, mesmo que ela não quisesse realmente porque era mais importante ganhar pontos para a masculinidade?

O Poder e A Impotência nas Vidas de Homens

Argumentei que a homofobia, o medo que os homens sentem de outros homens, é a condição que impulsiona a definição dominante de masculinidade na América, essa definição reinante de masculinidade é um esforço defensivo para evitar ser emasculado. Em nossos esforços para suprimir ou superar esses medos, a cultura dominante cobra um preço alto daqueles considerados menos que os viris completos: as mulheres, os homens gays, os homens nascidos não nativos, “os homens de cor”. Esta

perspectiva pode ajudar a clarear um paradoxo nas vidas de homens, um paradoxo em que os homens possuem virtualmente todo o poder e ainda não se sentem poderosos. (Cf. KAUFMAN, 1993).

A masculinidade é igualada a poder – sobre as mulheres, sobre os outros homens. Em todos os lugares olhamos, vemos a expressão institucional daquele poder – nas legislaturas nacionais e estaduais, na mesa da diretoria de todas as grandes corporações americanas ou firmas de advocacia, e em todas as administrações de escolas e de hospitais. As mulheres há longo compreenderam isso, e as mulheres feministas têm gasto as três últimas décadas passadas desafiando tanto as expressões públicas e privadas dos poderes masculinos e reconhecendo os seus medos de homens. O feminismo é um grupo de teorias que tanto explica o medo das mulheres em relação aos homens e as empodera para confrontá-lo no âmbito público e privado. As mulheres feministas têm teorizado que a masculinidade é sobre a pulsão por dominação, a pulsão por poder, e por conquista.

Essa definição feminista de masculinidade como uma pulsão por poder é teorizada do ponto de vista feminino. É como as mulheres experienciam a masculinidade. No entanto, assume uma simetria entre o público e o privado que não entra em conformidade com as experiências masculinas. As feministas observam que as mulheres, enquanto grupo, não detêm o poder na nossa sociedade. Elas também observam que individualmente, elas, as mulheres, não se sentem poderosas. Elas sentem medo, e se sentem vulneráveis. Sua observação da realidade social e suas experiências individuais são, portanto, simétricas. O feminismo também observa que os homens, enquanto grupo, estão no poder. Portanto, com a mesma simetria, o feminismo tendeu a assumir que os homens individuais deveriam se sentir poderosos.

Este é o motivo pelo qual a crítica feminista acerca da masculinidade frequentemente cai em ouvidos de mercadores entre os homens. Quando confrontado com a análise de que os homens possuem o poder, muitos homens reagem incredulamente. “O que você quer dizer com homens têm todo o poder?”, perguntam. “Do que você está falando? Minha esposa manda em todo o mundo. Meus filhos me mandam o tempo todo. Meu chefe vive me mandando. Não tenho poder nenhum! Sou completamente impotente!”.

Os sentimentos dos homens não são sentimentos de um poderoso, mas daquele que veem a si próprios como impotentes e sem poder. Esses são os sentimentos que vêm inevitavelmente da descontinuidade entre o social e o psicológico, entre a análise agregada que revela que os homens estão em poder como um grupo e o fato psicológico de que eles não se sentem poderosos enquanto indivíduos. São os sentimentos de homens que foram criados para acreditar em si habilitados a sentir aquele poder, mas não o sentem. Não assusta saber que muitos homens são frustrados e raivosos. Isso pode explicar a recente popularidade daqueles cursos e retiros organizados para ajudar os homens a reivindicarem o seu poder “interno”, a sua “profunda masculinidade”, ou o seu “guerreiro interno”. Os autores tais como Bly (1990), Moore e Gillette (1991, 1992, 1993a, 1993b), Farrell (1986, 1993), e Keen (1991) honram e respeitam os sentimentos de impotência dos homens e reconhecem que esses sentimentos são tanto verdadeiros quanto reais. “Eles dão aos homens brancos o semblante de poder”, observa John Lee, um dos líderes desses retiros (NEWSWEEK, p. 41). “Levaremos você a administrar o país, mas por enquanto, pare de sentir, pare de falar, e continue a engolir a sua dor e a sua mágoa.” (Não fomos informados quem são “eles”).

Frequentemente os que alimentam o movimento da mitopoética dos homens, aquele termo guarda-chuva que inclui todos os grupos que auxiliam os homens a recuperar essa masculinidade profunda e mítica, usa a imagem do chofer para descrever a posição do homem moderno. Essa imagem parece deter o poder – e veste o uniforme, senta no assento do motorista, e sabe para onde conduzir. Portanto, para o observador, o chofer parece estar no comando, mas para si mesmo, observam, ele está meramente recebendo ordens. Ele não é o encarregado de forma alguma.¹⁰

Apesar da realidade que todos sabem que os choferes não possuem poder, essa imagem permanece atraente ao público masculino que escuta as palestras nos minicursos de finais de semana. Contudo, há uma peça faltante na imagem, oculta pela moldura da mesma em termos de experiência individual masculina. Aquela peça faltante é a pessoa que dá as ordens, que é também outro homem. Agora temos um relacionamento *entre os homens* – uns dando e outros recebendo ordens. O homem que se identifica como chofer é habilitado a ser aquele que dita as ordens¹¹, mas ele não o é de fato (“Eles”, verifica-se, são homens).

As dimensões de poder são agora reinseridas nas experiências dos homens não

apenas como o produto da experiência individual, mas também como o produto das relações com outros homens. Nesse sentido, as experiências de impotência dos homens são *reais*— eles de fato o sentem e certamente agem sobre isso— mas não é *verdade*, ou seja, não descreve de forma precisa a sua condição. Em contraste às vidas das mulheres, as vidas dos homens são estruturadas em torno de relacionamentos de poder e acesso diferenciado ao poder, assim como o acesso diferenciado enquanto grupo. Nossa análise da situação problemática nos leva a acreditar que nós homens precisamos *mais* de poder, ao invés de lidar com os esforços das feministas em rearranjar as relações de poder ao longo de formas mais equitativas.

A filósofa Hannah Arendt (1970, p. 44) compreendeu inteiramente essa experiência contraditória de poder social e individual:

O poder corresponde à habilidade humana não de agir simplesmente só, mas, de agir em conjunto. O poder nunca é uma propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e continua a existir apenas tão longo o grupo continue junto. Quando dizemos sobre alguém que ele está “no poder” de fato referimos a seu ser empoderado por certo número de pessoas que agem em seu nome. No momento em que o grupo de onde o poder originou começar a... desaparecer, “seu poder” também desaparece.

Por que, então, os americanos se sentem tão impotentes? Parte dessa resposta é porque construímos as regras da masculinidade (*manhood*) para que apenas uma parcela ínfima de homens chegue a acreditar que eles são as grandes rodas (*big wheels*), os mais firmes dos carvalhos (*the sturdiest of the oaks*), os mais violentos repudiadores da feminilidade, os mais presunçosos e agressivos. Temos administrados para desempoderar a maioria esmagadora dos homens americanos por outros meios – tais como discriminar se baseando na raça, na classe, na etnia, idade, ou na preferência sexual.

Os masculinistas se retirando para recuperarem a masculinidade profundamente machucada são apenas um dos modos como o homem americano atualmente luta contra os seus medos e a sua vergonha. Infelizmente, no mesmo momento em que trabalham para quebrar o isolamento que governa suas vidas, uma vez que eles permitem expressar aqueles medos e aquela vergonha, eles ignoram o poder social que os homens continuam a exercer sobre as mulheres e os privilégios a partir dos quais (uma vez que os homens brancos de classe média, de meia idade, são quem amplamente realizam esses retiros)

continuam a se beneficiarem – indiferente de suas experiências como vítimas feridas da socialização masculina opressiva.¹²

Outros ainda treinam as políticas de exclusão, como se estivessem limpando o caminho do campo de jogo seguro de identidade de gênero, livre daqueles que consideramos menos viris – as mulheres, os homens gays, os homens nascidos não nativos, os “homens de cor” – os homens brancos, heterossexuais de classe média podem reestabelecer sentidos de si próprios sem aqueles medos assombrosos, das vergonhas profundas de que eles não são viris e que serão expostos por outros homens. Essa é a masculinidade (*manhood*) do racismo, do sexismo, da homofobia. É a masculinidade (*manhood*) que é tão cronicamente insegura que estremece com a simples ideia de suspensão da proibição de gays no serviço militar; que é tão ameaçada pelas mulheres em seu mercado de trabalho que estas se tornam alvos de assédio sexual; que está profundamente assustada com a igualdade que deve assegurar que o campo de jogo de competição masculina permaneça arranjado a seu favor contra todos os novatos ao jogo.

A exclusão ou a fuga tem sido o método dominante dos homens americanos para manterem seus medos e humilhações sob o cerco. O medo da emasculação por outro homem, de ser humilhado, de ser visto como um afeminado é o lema em minhas leituras acerca da história da masculinidade americana. A masculinidade tornou-se um teste implacável através do qual provamos a outros homens, às mulheres e em última instância a nós mesmos, que temos dominado esse papel com sucesso. A implacabilidade que os homens sentem hoje não é nada nova na história americana; temos sido ansiosos e incansáveis por quase dois séculos. Nem a exclusão, nem a fuga já nos trouxeram o alívio que buscamos, e não há razão para pensar também que iremos solucionar nossos problemas agora. A paz mental, o alívio da luta de gênero, virá apenas através de uma política de inclusão, não de exclusão, do posicionamento para a igualdade e a justiça, e não através da fuga.

Notas

1. KIMMEL, Michel S. Masculinity as Homophobia: Fear, Shame, and Silence in the Construction of Gender Identity. In: BROD, Harry; KAUFMAN, Michael (org). **Theorizing Masculinities**. London: Sage Publications, 1994, p. 119 – 141. Reproduzido com permissão do autor. **Tradução de Sandra Mina Takakura. Revisão técnica de Bianca Machado**. O comitê editorial da Revista Equatorial agradece ao autor a

- autorização para publicar este artigo.
2. Há dois termos em língua inglesa par se referir a masculinidade, o termo de origem no Inglês médio, *manhood* que significa masculinidade e virilidade, e *masculinity* de origem latina que foi incorporada no inglês médio (N. da T.).
 3. É claro, a composição "American manhood" contém várias ficções simultâneas. Não há uma masculinidade que defina todos os homens Americanos; "America" se refere aos Estados Unidos, e há significantes modos em que essa "masculinidade americana" seja o resultado de forças que transcendem tanto o gênero e a nação, por meio do desenvolvimento econômico global do capitalismo industrial. Eu o uso, portanto, para descrever versões hegemônicas específicas de masculinidade nos EUA, aquela constelação de atitudes, trejeitos, e comportamentos que se tornaram o padrão contra o quais todas as outras masculinidades são ponderadas e contra as quais os homens individualmente medem o sucesso de suas conquistas de gênero.
 4. O termo usado no texto em inglês foi *self-made man*, literalmente *o homem que faz a si mesmo*, ou seja, aquele que vence na vida por esforço próprio (N. do T.).
 5. Muito desse trabalho é elaborado em *Manhood: The American Quest* (na editora).
 6. Embora esteja aqui discutindo apenas a masculinidade americana, estou consciente de que outras masculinidades têm localizado essa instabilidade crônica e os esforços para provar a masculinidade em arranjos econômicos e culturas particulares, da sociedade Ocidental, Calvin, afinal, denunciou as desgraças "do homem em se tornar afeminado", e os inumeráveis outros teóricos têm descrito as mecânicas de prova da virilidade (veja, por exemplo, SEIDLER, 1994).
 7. Não quero dizer que as mulheres não possuem ansiedades acerca de serem femininas o suficiente. Pergunte a qualquer mulher como ela se sente sobre ser referida como sendo agressiva; isso leva a um mal no coração porque a sua feminilidade é suspeita (acredito que a razão de uma popularidade grande recente de lingerie sexuais entre mulheres é que as habilita as lembrar de que ainda são femininas por baixo de seus ternos de negócio corporativo – um terno que imita os estilos masculinos). Mas penso que as estacas não são grandes para as mulheres e que as mulheres possuem maior atitude em definir suas identidades em torno dessas questões do que os homens. Tais ironias do sexismo: os poderosos possuem um leque mais estreito de opções do que os sem poder, porque estes podem também imitar o poderoso, sem levar o ônus. Pode até mesmo melhorar o status, se feito com graça e charme – pois não é ameaçadora. Para o poderoso, qualquer pista de comportamento associado com o indivíduo sem poder é uma falha e não tem graça.
 8. Tais observações também levaram os jornalistas Heywood Broun a dizer que a maioria dos ataques contra feminismo era originário de homens que eram mais baixos que 1,70 m. "O homem, qualquer que seja seu tamanho físico, sente segurança em sua própria masculinidade e em relação a sua vida, raramente se sente ressentido em relação ao sexo oposto" (SYMES, 1930, p. 139).
 9. Alguns dos seguidores de Freud, tais como Anna Freud e Alfred Adler, seguiram essas sugestões (veja especialmente, ADLER, 1980). Sou grato a Terry Kupers por essa ajuda em pensar através das ideias de Adler.
 10. A imagem é de Warren Farrell, que palestra no workshop que estive presente na Primeira Conferência Internacional de Homens, Austin, Texas, Outubro 1991.
 11. No sentido de conduzir o carro, de estar no comando. Kimmel critica o uso da imagem do chofer para as palestras sobre autonomia masculina (N. da T.).
 12. Para uma crítica desses retiros mitopoéticos, veja Kimmel e Kaufman, Capítulo 14, do volume **Theorizing Masculinities** (1994).

Referências bibliográficas

ADLER, A. **Cooperation between the sexes: Writings on women, love and marriage, sexuality and its disorders.** H. Ansbacher & R. Ansbacher, Eds. & Trans. New York: Jason Aronson, 1980.

- ARENDR, H. **On revolution**. New York: Viking, 1970.
- BLY, R. X Iron John: **A book about men**. Reading, MA: Addison-Wesley, 1990.
- BRANNON, R. The male sex role—and what it's done for us lately. In R. Brannon & D. David (Eds.), **The forty-nine percent majority**. Reading, MA: Addison - Wesley, pp. 1-40, (1976).
- CONNELL, R. W. **Gender and power**. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.
- FARRELL, W. **Why men are the way they are**. New York: McGraw-Hill, 1986.
- FARRELL, W. **The myth of male power: Why men are the disposable sex**. New York: Simon & Schuster, 1993.
- FREUD, S. **New introductory lectures on psychoanalysis** (L. Strachey, Ed.). New York: Norton, [1933] 1966.
- GAYLIN, W. **The male ego**. New York: Viking, 1992.
- GOFFMAN, E. **Stigma**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1963.
- GORER, G. **The American people: A study in national character**. New York: Norton, 1964.
- KAUFMAN, M. **Cracking the armour: Power and pain in the lives of men**. Toronto: Viking Canada, 1993.
- KEEN, S. **Fire in the belly**. New York: Bantam, 1991.
- KIMMEL, M. S. **Manhood: The American quest**. New York: HarperCollins.
- LEVERENZ, D. **Manhood, humiliation and public life: Some stories**. Southwest Review, 71, Fall, 1986.
- LEVERENZ, D. The last real man in America: From Natty Bumppo to Batman. **American Literary Review**, 3, 1991.
- MARX, K.; F. ENGELS. The communist manifesto. In: R. Tucker (Ed.), **The Marx-Engels reader**. New York: Norton, [1848] 1964.
- MEAD, M. **And keep your powder dry**. New York: William Morrow, 1965.
- MOORE, R., & GILLETTE, D. **King, warrior, magician lover**. New York: HarperCollins, 1991.
- MOORE, R., & Gillette, D. **The king within: Accessing the king in the male psyche**. New York: William Morrow, 1992.
- MOORE, R., & Gillette, D. **The warrior within: Accessing the warrior in the male psyche**. New York: William Morrow, 1993a.
- MOORE, R., & Gillette, D. **The magician within: Accessing the magician in the male psyche**. New York: William Morrow, 1993b.
- NOBLE, V. A helping hand from the guys. In: K. L. Hagan (Ed.), **Women respond to the men's movement**. San Francisco: HarperCollins, 1992.
- OSHERSON, S. **Wrestling with love: How men struggle with intimacy, with women,**

children, parents, and each other. New York: Fawcett, 1992.

ROTUNDO, E. A. **American manhood:** Transformations in masculinity from the revolution to the modern era. New York: Basic Books, 1993.

SAVRAN, D. **Communists, cowboys and queers:** The politics of masculinity in the work of Arthur Miller and Tennessee Williams. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1992.

SEIDLER, V. J. **Unreasonable men:** Masculinity and social theory. New York: Routledge, 1994.